

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA
1 e 7 de Abril de 2025

FACE TO FACE / 1952
(“Cara a Cara”)

Um filme de John Brahm e Bretaigne Windust

Realização: John Brahm (*The Secret Sharer*) e Bretaigne Windust (*The Bride Comes to Yellow Sky*) / Argumento: Aeneas Mackenzie (*The Secret Sharer*), baseado no conto homónimo de Joseph Conrad, e James Agee (*The Bride Comes to Yellow Sky*), baseado numa história original de Stephen Crane / Direcção de Fotografia: George E. Diskant e Karl Struss (não creditados) / Direcção Artística: Edward Ilou / Música: Hugo Friedhofer (não creditado) / Montagem: Otto Meyer / Som: John R. Carter e Tom Lambert / Interpretação: James Mason (o capitão), Michael Pate (Leggatt), Gene Lockhart (Archbold), Albert Sharpe, Sean McClory, Alec Harford (marinheiros), na primeira história; Robert Preston (Jack Potter), Marjorie Steele (a noiva), Minor Watson (Scratchy Wilson), Dan Seymour, Olive Carey, James Agee, etc, na segunda história.

Produção: Theasquare Productions, para a RKO / Produtor: Huntington Hartford / Cópia: 16mm, preto e branco, falada em inglês e legendada eletronicamente em português / Duração: 89 minutos / Estreia em Portugal: Politeama, a 1 de Abril de 1954.

Aviso: a cópia deste filme raro que vamos exhibir traz algumas marcas típicas das velhas e muito usadas cópias em 16mm, nomeadamente uma imagem um pouco escurecida (a inerência nocturna do primeiro episódio disfarça um pouco, mas é mais black on black do originalmente deveria ser) e algum empastelamento sonoro, com ruído de fundo, que torna os diálogos por vezes difíceis de seguir. Fora estes problemas, é uma boa cópia, sem muitos riscos nem saltos na imagem, que serve perfeitamente para apreciar o filme.

Houve casos, evidentemente, e até uma pequena voga (sobretudo no início do cinema sonoro), mas o chamado “filme de sketches”, vários filmes reunidos numa só longa-metragem, quase sempre com autoria múltipla, nunca se impôs no cinema de Hollywood com a mesma força que encontrou no cinema europeu, e muito menos nesta época (anos 50/anos 60) que na Europa representou o apogeu do modelo. É a primeira singularidade deste filme bipartido, espécie de interpretação minimalista do “filme de sketches”, dividido apenas em duas histórias e dois realizadores. Pesquisando a publicidade da época (na internet é fácil encontrar reproduções dos cartazes promocionais originais), é fácil perceber, portanto, porque é que o modelo era apresentado como uma “novidade” (mesmo não o sendo realmente, e como dissemos nem mesmo no cinema americano) e até se lhe inventava uma designação: o “duo-drama”, como quem diz “venha ver dois filmes pelo preço de um”, ou a lógica do “double bill” integrada num só filme.

Dois histórias, dois realizadores, e sobretudo dois escritores, Joseph Conrad e Stephen Crane, cujos contos servem de base ao argumento (sendo de notar que o argumento da história de Crane, *The Bride Comes to Yellow Sky*, foi escrito por James Agee, que também tem um pequeno papel no filme, numa participação de “corpo inteiro” que é caso único na sua curta vida). De certa forma, este título, *Face to Face*, reporta-se a esse *cara a cara* Conrad/Crane – se Conrad já era uma atenção intermitente do cinema anglo-americano (tinha acabado de estrear, no ano anterior, o **Outcast of the Islands** de Carol Reed), a atenção a Crane vivia então um momento particularmente glorioso, depois da estreia também no ano anterior, 1951, do **Red Badge of Courage** de John Huston, filme magnífico, pode-se defender ou afirmar que o melhor Huston de sempre). Mas, dizíamos, o *face to face* é tanto entre os escritores como faz o traço de união entre as duas histórias, que se desenrolam em ambientes completamente diferentes (um navio algues nos mares asiáticos, uma cidadezinha do velho oeste) mas se encontram no confronto cara a cara entre duas personagens como eixo da narrativa (e mesmo assim, um confronto com parâmetros completamente diferentes num caso e noutro).

Numa curta mas moderadamente elogiosa nota assinada por Jacques Doniol-Valcroze nos Cahiers du Cinéma à época da estreia francesa do filme (que, depreende-se, estreou em França só com o episódio de John Brahm, perdendo o “apêndice” de Bretagne Windust – como é complicada a história da distribuição dos filmes!...), escrevia-se que *The Secret Sharer* “não resolvia o problema de Conrad no cinema” (“*peut-être ne peut-on faire des films conradiens que sur des sujets qui ne soiet pas de Conrad?*”) mas resolvia muito bem o problema posto por esta história em particular – o facto de a sua acção ser “puramente interior”. É completamente verdade o que diz Doniol-Valcroze, desde a atmosfera que é uma espécie de transe onírico em abolição dos sinais evidentes do onirismo (tudo subsumido num festival de noite e de sombras, “irrealidade” assente na mais descritiva “realidade”), passando pelo dramatismo súbito, exacerbado, puxado ao extremo quase sem preparação (a sequência inicial joga-se como se já estivessemos a meio de um filme cuja primeira parte nos tivesse sido omitida), e justamente por essa “interioridade”, traduzida no campo e contracampo dos rostos dos dois homens (excelentes James Mason e Michael Pate), esses rostos que vão sendo como que apagados pelo excesso de sombra, ou confundindo-se com a sombra, assim se sugerindo, veementemente e visualmente, uma trave-mestra do relato, a questão do *duplo*, a questão da *projecção* de um homem noutro. O germânico Brahm, um dos últimos tesouros escondidos da Hollywood clássica (é muito mais do que só o realizador de **The Locket** ou de **The Brasher Doubloon**, um dia chegará em que aqui nesta cinemateca o vamos descobrir, pelo menos a proposta anda aqui no ar), era um grande cineasta do “espaço negativo”, e este filme, no seus incessantes desenhos de sombras e diálogos com sombras, que parecem diluir a presença das figuras humanas, é um excelente “estudo de caso” para perceber o que é que isso quer dizer, ser-se um grande cineasta do “espaço negativo”. Mais por Brahm do que necessariamente por Conrad, portanto, *The Secret Sharer* é um belo momento de cinema. A sombra que projecta apaga um bocadinho o divertido, mas quase anódino, segmento de Windust, revisão humorística de alguns estereótipos do “western” escorada, essencialmente, em dois actores maravilhosos em perfeita consonância com o gozo subjacente, Robert Preston e Minor Watson.

Luís Miguel Oliveira